

The Fundamentals: ontem, hoje e sempre

The Fundamentals: yesterday, nowadays and forever

Breno Martins Campos*

Resumo

Fundamentalismo é hoje uma palavra polissêmica que permite classificar movimentos religiosos e outros de naturezas diversas. Nem todas as pessoas, mesmo dentre as que utilizam o conceito, conhecem sua origem histórica e teológica no interior do protestantismo conservador norte-americano do final do século XIX e início do XX. A fim de propor uma genealogia, este artigo busca compreender o sentido da ação dos fundamentalistas originários. Havia no ar um sentido de urgência, pois aqueles autodesignados fundamentalistas lutavam contra os males da modernidade que afligiam a igreja. Internamente, os desafios vinham do liberalismo teológico e de sua crítica à Bíblia; externamente, o grande adversário era o humanismo secularizado (incluindo os novos movimentos religiosos). Na interação das ideias com as condições materiais de uma época marcada religiosamente por avivamentos, conferências bíblicas, distribuição de material impresso, destaca-se a publicação da coletânea *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* (1910-1915). Seus 12 volumes desenvolvem os princípios básicos do fundamentalismo, ou seja, quais são as doutrinas de que o protestantismo não pode abrir mão – com primazia para o dogma da inerrância e infalibilidade da Bíblia, a sustentar uma leitura literalista e sem hermenêutica contextualizada das Escrituras. Como resultado principal alcançado por este artigo, fica a imagem de que no movimento fundamentalista protestante, em qualquer época, importa voltar sempre ao passado (mesmo que idealizado), pois as decisões para o presente já foram tomadas outrora. O futuro que importa é o escatológico e não o histórico.

Palavras-chave

Protestantismo. Fundamentalismo. *The Fundamentals*.

Abstract

Fundamentalism is, nowadays, a polysemic word that allows to classify both religious and diverse nature movements. Not all people, even the ones that use the concept, know its historical and theological origins inside the conservative North American Protestantism in the end of 19th century and beginning of 20th century. In order to propose a genealogy, this paper intends to comprehend the meaning of the actions of the first fundamentalists. There was a sense of urgency in the air, for those self-called fundamentalists fought against the evils of modernity that afflicted the church. From the inside, the challenges came from theological liberalism and its criticism to the Bible; from the outside, the great adversary was the secular humanism (including the new religious

* Breno Martins Campos. Doutor em Ciências Sociais. Professor e pesquisador na PUC-Campinas. Campinas, SP, Brasil. E-mail: trieb.campos@ig.com.br.

movements). In the interaction of ideas with the material conditions of a time religiously marked by revivals, biblical conferences, published material distribution, the series *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* (1910-1915) got prominence. Its twelve volumes develop the basic principles of fundamentalism: the doctrines that Protestantism must not renounce – with the primacy of the dogma of inerrancy and infallibility of the Bible that sustains a literal and non-contextual hermeneutical reading of the Scriptures. As a main result achieved by this paper, it remains the image that for the protestant fundamentalist movement, at any time, it's important to go back in the past (even the idealized one), since the decisions for the present time were already taken.

Keywords

Protestantism. Fundamentalism. *The Fundamentals*.

Introdução

A pesquisa e a produção teórica em torno do tema *fundamentalismo* esbarram sempre no mesmo fato: o campo semântico do termo foi ampliado a tal ponto de haver perdido o rigor das intenções originais. Dentre as muitas formas possíveis de enunciar o problema – ou melhor, o desafio a quem discute os limites do conceito –, Enzo Pace e Piero Stefani oferecem uma síntese do caso sem denegar sua complexidade:

O termo fundamentalismo tem conhecido um notável sucesso. É uma etiqueta de fácil utilização com a qual se podem catalogar fenômenos e movimentos religiosos de natureza diferente. Nalguns casos, a extensão do termo é indevida, noutros casos, é imprecisa.¹

A constatação dos autores é do final do século XX (a edição italiana de seu livro *Il fondamentalismo religioso contemporaneo* é do ano 2000), mas já fazia algum tempo, pelo menos desde a década de 70 daquele mesmo século, que o termo fundamentalismo tornara-se polissêmico de maneira radical, não somente por catalogar movimentos religiosos de natureza diferente, mas também por qualificar fenômenos que ocorrem fora do campo religioso – como na economia ou política, por exemplo, a configurar a laicização de um qualificativo religioso.

Como primeiro objetivo pretendido aqui, há um esforço de fazer coro com a literatura especializada no sentido de oferecer, com certo rigor historiográfico, uma imagem da árvore genealógica do termo-conceito fundamentalismo: das raízes originais a algumas de suas ramificações mais contemporâneas (dentro do protestantismo). Desde o título deste artigo, em inglês e itálico, faz-se clara referência à obra *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, localizada dentre aquelas que são muito mais mencionadas do que

¹ PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Apelação: Paulus, 2002. p. 16.

propriamente lidas. Recuperar, para registro e comentários críticos, a história daquela coletânea, em três movimentos referentes a 1910-1915, 1917 e 1958, é ao mesmo tempo cumprir mais um propósito deste texto: compreender a fundação, em sentido etimológico forte, do fundamentalismo.

Se hoje o sentido do termo, no caso religioso, tem uma repercussão social muito mais negativa do que positiva, para não dizer somente negativa, pode parecer anacrônico e sem sentido que, decorrido cerca de um século da publicação da obra original, ainda existam protestantes que se autodenominem, nem que seja a contragosto, fundamentalistas e que se vinculem como herdeiros àqueles que erigiram primeiramente seu testemunho da verdade. Como de fato eles existem, os objetivos deste artigo se completam pela análise do livro *Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã* (edição original estadunidense de 2000), filho caçula dentre as obras da linhagem fundamentalista. O exame de seu teor vai permitir a compreensão do que pensam e de como agem os fundamentalistas hoje.

Recuperar a história do fundamentalismo por meio da história de uma obra (coletânea de textos), como se pretende aqui, é também um retorno aos textos fundamentalistas originários (documentos primários), bem como uma aproximação à divulgação de algumas produções contemporâneas inseridas no mesmo campo teológico. Retornar aos textos, entretanto, nunca no sentido pretendido pelo pressuposto dos próprios fundamentalistas quanto aos textos sagrados, ou seja, para deixar que *eles falem por si mesmos*. Assume-se que não há texto sem leitor, ou seja, sem interpretação e os riscos advindos dela.

Acho que vivemos numa época em que todo mundo sabe que, sejam quais forem os domínios do saber, seja a filosofia, seja uma ciência humana ou ciência exata, sempre dependemos de uma linguagem. Nosso conhecimento é sempre interpretativo, pois não temos acesso direto à verdade. Se tivéssemos acesso direto à verdade, então... não haveria mais comunicação possível.²

Discutir criticamente o tema fundamentalismo é assumir sempre uma localização fronteiriça – de onde se fala –, pois no campo científico (ou em qualquer outro) o discurso e a postura fundamentalistas (em sentido amplo) também estão presentes. Quer dizer, discutir criticamente o fundamentalismo pode vir a ser também uma postura fundamentalista.

Se vamos reagir, precisamos ter cuidado para não execrar as pessoas que não pensam como nós. [...] Com certeza, teremos de nos opor, mas sempre estendendo pacientemente as mãos para o diálogo, para que, em nosso

² GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 93-94.

pensamento e em nossa prática, não nos tornemos a imagem do outro refletida no espelho.³

Para não acabar com a possibilidade da comunicação e para manter o diálogo sempre aberto, vale registrar uma obviedade: os recortes teórico-metodológicos a seguir, que oferecem uma porta de entrada para os textos fundantes do fundamentalismo e seus herdeiros, são resultantes da interpretação do pesquisador que assina este artigo e devem ser considerados, no máximo, *um testemunho de sua compreensão da verdade*.

Os fundamentos do fundamentalismo

Ao tratar do *caso particular* do fundamentalismo protestante norte-americano e de sua ideologia, Nancy T. Ammerman afirma de *modo geral*, ampliando a abrangência de sua proposição, que “nenhum movimento, é claro, consiste exclusivamente de ideias”.⁴ Movimentos sociais se fazem da interação das ideias com as condições materiais que lhes são próprias. Quanto ao contexto vivencial em que emergiu o fundamentalismo, a autora trata daquilo que classifica como certa organização preliminar que favoreceu o florescimento e a circulação da mentalidade fundamentalista. “Os lugares em que as ideias fundamentalistas fizeram sentido, e, portanto, os locais da organização fundamentalista mais primitiva, foram os centros urbanos dos industrializados Estados Unidos e Canadá – Boston e Toronto, Nova Iorque e Chicago”.⁵

Foi em cidades industrializadas que o modelo tradicionalista e conservador do protestantismo sofreu um duro golpe, pois um centro urbano é, segundo Ammerman, o *locus* privilegiado não somente de um pluralismo de fé e estilos de vida, mas também de uma complexa divisão do trabalho (na qual a religião acaba também por ser absorvida). No mundo rural e suas variantes, a força da cultura secularizada foi, num primeiro momento, muito menor, senão inexpressiva, pois a religiosidade das pessoas continuava a ser como sempre havia sido. A religião não deixou de existir nas cidades, mas foi separada da vida pública. Foram as cidades e os desafios de seu estilo de vida à religião que exigiram uma resposta beligerante do protestantismo tradicionalista e conservador: o fundamentalismo. Ammerman destaca, pelo menos, quatro condições materiais em afinidade eletiva com a ideologia (teologia) e o comportamento (ética) fundamentalistas: (1) os reavivamentos, (2) as conferências bíblicas e proféticas, (3) os institutos bíblicos e (4) o mundo da palavra impressa.

³ SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT. *Fundamentalismos, integrismos: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 42.

⁴ AMMERMAN, Nancy T. North American Protestant Fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms observed*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. p. 17.

⁵ AMMERMAN, 1994, p. 17.

Reavivamentos religiosos podem ser considerados uma marca do *modus operandi* protestante na América do Norte – herança dos movimentos puritanos de despertar religioso desde seu período na Grã-Bretanha e, principalmente, daqueles fiéis que migraram para *fazer a América*. No contexto do fundamentalismo, porém, ganharam destaque temas ligados à pecaminosidade do ser humano, necessidade de arrependimento e conversão, vida de santidade e exigência de evangelização – com o objetivo declarado de *ganhar almas* para Cristo. O clima escatológico era claro em todas as mensagens e ações, embora a ênfase no milenarismo não fosse uma unanimidade. O caráter etéreo do movimento – *salvar almas do mundo para Cristo* – guardava também um componente social interessante: não se tratava do interesse de uma única igreja ou denominação, quer dizer, os avivamentos propiciaram o clima transdenominacional necessário para o fundamentalismo. Líderes avivalistas, como Charles G. Finney, seguido por Dwight L. Moody e Billy Sunday, tinham presença e penetração, tanto pessoais como pelo teor de sua mensagem, garantidas em várias denominações protestantes.

A ancestralidade das conferências bíblicas e das conferências proféticas, também transdenominacionais, relaciona-se aos acampamentos, grupos de santidade e séries de leitura da Bíblia em igrejas. Segundo Ammerman, em sua forma decisiva para o fundamentalismo (aquela do quarto final do século XIX), as conferências propunham a exploração dos ensinamentos da Bíblia e a descoberta de suas verdades pelos próprios fiéis.

A mais famosa das conferências bíblicas, inicialmente batizada de Believers' Meeting for Bible Study [Encontro de crentes para estudo da Bíblia] começou em 1875. Oito anos mais tarde, mudou-se para um novo local em Niagara-on-the-Lake, Ontário, e adotou seu nome mais comumente conhecido, Conferência Bíblica de Niágara. Foi uma série de retiros de uma ou duas semanas no verão [de 1883 a 1895] com alguns dos principais professores de Bíblia e pregadores da época. Reunidos J. H. Brookes, William Eerdman, C. I. Scofield, A. T. Pierson e A. J. Frost, todos presbiterianos e batistas. Eles e seus ouvintes se reuniam para adoração, comunhão e estudo, apreciando a beleza do cenário natural. Havia até cinco palestras a cada dia, incluindo de quando em quando a leitura da Bíblia. Esta prática consistia de leituras consecutivas de passagens selecionadas para ilustrar um ponto ou doutrina. Exceto por uma breve introdução ou conclusão dirigida pelo professor, o esforço era o de permitir o “fato” de a Escritura falar por si mesma.⁶

Pelas decisões tomadas na conferência de Niágara em 1895, os teólogos conservadores norte-americanos “[...] assumiram uma posição oficial contra as novas modas interpretativas do texto bíblico”.⁷ O resumo do documento da conferência pode ser tomado como a certidão de nascimento do fundamentalismo:

⁶ AMMERMAN, 1994, p. 20.

⁷ PACE; STEFANI, 2002, p. 28.

- a) a absoluta inerrância do texto sagrado;
- b) a reafirmação da divindade de Cristo;
- c) o fato de que Cristo nasceu de uma virgem;
- d) a redenção universal garantida pela morte e ressurreição de Cristo;
- e) ressurreição da carne e a certeza da segunda vinda de Cristo.⁸

O primeiro ponto é a base de sustentação dos seguintes, pois a defesa da historicidade bíblica do cristianismo depende de uma argumentação cíclica: a Bíblia é verdadeira porque ela afirma ser verdadeira. Raciocínio garantido pelo truísmo da inerrância bíblica. Se a Bíblia está certa quanto à história da salvação, ela não pode estar errada em nada, pois um só erro em quaisquer questões poderia colocar em dúvida a história da salvação. “[...] se um único erro de fato ou princípio for admitido na Escritura, nada – nem mesmo a obra redentora de Cristo – é certo”.⁹

As conferências em Niágara não foram as únicas importantes como condição material e espiritual para o fundamentalismo. Vale registrar, por exemplo, que o próprio Moody foi líder de conferências bíblicas, dentre aquelas que atravessaram os EUA no final do século XIX e início do XX; sua figura e ministério estão diretamente associados também àquela terceira categoria dentre as levantadas por Ammerman: a dos institutos bíblicos, que tinham a intenção primeira de preparar leigos para a obra cristã. “Em 1886 Dwight L. Moody deu seu apoio a uma escola de formação em Bíblia, em Chicago [...]. Ela se tornaria o Moody Bible Institute, posteriormente, forneceria liderança pastoral, bem como leiga, para o movimento fundamentalista”.¹⁰

Quanto à relação entre institutos bíblicos e fundamentalismo, há nomes e lugares ainda mais dignos de registro, uma vez que ofereceram a real alternativa de que necessitavam os fundamentalistas para fugir dos seminários teológicos (muitos dos quais dominados pelo método histórico-crítico de interpretação da Bíblia).

Em 1908 um Instituto Bíblico foi formado em Los Angeles, com o apoio financeiro dos milionários do petróleo Lyman e Milton Stewart. Este instituto rapidamente tornou-se um centro de referência do pensamento pré-milenarista e publicou *The King's Business*, um dos mais importantes periódicos dispensacionalistas daqueles dias.¹¹

A publicação de um periódico, como estratégia do Instituto Bíblico de Los Angeles para disseminação de suas ideias teológicas, constrói a imagem do modelo adotado pelos precursores do fundamentalismo e pelos próprios fundamentalistas. “Estes crentes na Bíblia que enfatizavam a importância da Palavra de Deus foram também produtores entusiasmados de suas próprias palavras”.¹² Folhetos, panfletos, revistas, periódicos,

⁸ PACE; STEFANI, 2002, p. 28.

⁹ AMMERMAN, 1994, p. 5.

¹⁰ AMMERMAN, 1994, p. 21.

¹¹ AMMERMAN, 1994, p. 21.

¹² AMMERMAN, 1994, p. 21.

livros: toda espécie de publicação da palavra escrita foi utilizada para compartilhar as decisões das conferências bíblicas e proféticas, bem como as ideias discutidas nas aulas dos institutos bíblicos e as mensagens dos acampamentos, campanhas evangelísticas ou grupos de estudo.

Neste universo da palavra impressa e distribuída, duas foram as publicações mais importantes para o movimento fundamentalista em sentido estrito: em 1909, a *Scofield Reference Bible* pela Oxford University Press; um ano mais tarde, em 1910, o primeiro volume de uma série (*The Fundamentals*) financiada pelos irmãos Stewart, os mesmos do Instituto Bíblico de Los Angeles. Até 1915, foram publicados todos os 12 volumes de *The Fundamentals*.

Um resultado da difusão do espírito e da teologia apregoados na série *The Fundamentals* foi a criação, em 1919, da Associação Mundial Fundamentalista Cristã, resultado de um congresso realizado em Filadélfia com a participação de mais de seis mil pessoas. Desse congresso saíram oradores e cantores numa turnê por vários cantos do país. A associação, convencida de estar refazendo a Reforma do século XVI, nascia com o propósito explícito de reconquistar a sociedade estadunidense, e, por extensão, o mundo moderno, afastados de suas matrizes cristãs. O clima era de preparação para a guerra, não apenas para “defender a fé”, mas também para “compor uma frente unida e ofensiva” com vistas a “lutar pelos fundamentos da fé”.¹³

Para Pace e Stefani, sem a coletânea *The Fundamentals* e sua penetração capilar nas igrejas protestantes, o manifesto da Conferência Bíblica de Niágara de 1895, por exemplo, “não teria passado de um documento interno de um debate teológico”.¹⁴ O nome de batismo para o movimento não demorou a chegar.

Em 1920 a palavra “fundamentalista” foi usada pela primeira vez para descrever esta coalizão de protestantes conservadores militantes que estavam tentando preservar o estatuto protestante reavivado do século XIX. O termo foi cunhado por um editor batista conservador, Curtis Lee Laws, para designar seu partido na batalha na Convenção Batista do Norte (a maior denominação batista do Norte). Defender os “fundamentos” significava estar disposto a lutar por certas doutrinas fundamentais que os liberais negavam. As listas a seu respeito variavam, mas usualmente incluíam a crença na inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus, a autenticidade de seus milagres, expiação do pecado pela morte de Cristo, ressurreição de Jesus e sua segunda vinda.¹⁵

¹³ VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: matrizes, presenças e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 32.

¹⁴ PACE; STEFANI, 2002, p. 30.

¹⁵ MARSDEN, George M. *Religion and American Culture*. USA: Harcourt Brace College Publishers, 1990. p. 182-183.

O qualificativo *fundamentalista* passou a designar, portanto, uma coalizão dentro do protestantismo conservador nos EUA. Seus membros, tanto as denominações como os próprios fiéis, compartilhavam a visão de um mundo em constante estado de guerra e, segundo uma concepção dualista ou maniqueísta da história, nutriam a vontade ou disposição para lutar em defesa das doutrinas fundamentais. “A guerra se dava em duas frentes: eles lutavam contra a teologia moderna em suas denominações e contra algumas das visíveis tendências de secularismo em sua cultura”.¹⁶

Para fechar o rol de alguns dos marcos históricos do período de fundação do fundamentalismo, reconhecendo a existência de outros que ficaram de fora, registra-se a publicação em 1922, por *Princeton Theological Review*, do trabalho “Liberalismo ou cristianismo” apresentado em 1921 por John Gresham Machen. Ampliado, o texto foi publicado em 1923 na forma de livro – *Cristianismo e liberalismo* (a edição brasileira utilizada aqui é de 2012) – e estendeu, para além da coletânea *The Fundamentals*, o debate teológico no período da fundação do fundamentalismo.

Considerando mesmo que não há ideologias sem condições materiais que lhes sejam próprias, destacam-se três cruzamentos entre ideias e formas apresentadas por Machen no período fundante do fundamentalismo. A primeira: o mundo no início do século XX estava numa batalha entre a verdade e o erro, e não poderia haver paz sem a vitória de um dos lados. Defender a verdade, portanto, significava lutar pela paz, nada menos do que isso. O liberalismo teológico não podia ser considerado cristianismo.

A segunda diz respeito aos avanços das ciências na modernidade: se há uma verdade científica e outra religiosa, divergentes entre si, ambas não podem estar corretas. Os liberais estavam ou fundando uma religião ou retornando a alguma que fosse pré-cristã, por retirar do cristianismo tudo o que não pudesse ser explicado pelas ciências modernas (naturais e humanas). “É perfeitamente aceitável que os fundadores do movimento cristão não tivessem o direito de legislar pelas gerações seguintes, mas eles tiveram o direito de legislar por todas as gerações que escolherem carregar o nome ‘cristão’”.¹⁷

A última frase, citação direta do autor, antecipa o tom do terceiro cruzamento entre ideias e formas materiais destacado para comentário: o desejo fundamentalista de entronização do passado (no caso específico, uma encruzilhada entre o presente e o passado). Segundo o argumento de Machen, o sujeito moderno, ao ganhar o mundo (pela ciência e técnica), perdeu sua alma – mas não somente em sentido religioso, o que seria muito óbvio. Na verdade, aprimoramento material e declínio espiritual andavam de mãos dadas: a humanidade havia se tornado mais pobre de espírito (e não no sentido bem-aventurado da expressão).

¹⁶ MARSDEN, 1990, p. 183.

¹⁷ MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 23.

Apesar da poderosa revolução que tem sido produzida nas condições externas da vida, não há nenhum grande poeta para celebrar a mudança; de repente, a humanidade se tornou burra. Também já se foram os grandes pintores, músicos, escultores. A arte que ainda existe é, em grande medida, imitação, e quando não imita, normalmente é bizarra.¹⁸

Como restaurar a glória do passado à humanidade?

O autor deste livro descobriu esse segredo na fé cristã. Mas a fé cristã dita aqui, por certo, não é a religião da igreja liberal moderna, mas sim a mensagem da graça divina, quase esquecida hoje, como o foi na Idade Média, destinada a queimar novamente, de acordo com o tempo de Deus, em uma nova Reforma, e trazer luz e liberdade para a humanidade.¹⁹

A lógica fundamentalista é assim: a luz para compreensão do presente só pode vir do passado. Trata-se, por certo, de um passado idealizado, entronizado, imóvel. O presente, por imitação do passado, em cada diferente época, fica condenado à fossilização. Reforma, para o fundamentalista, não é retorno aos fundamentos para reinterpretá-los à luz do presente, mas transformação do presente à luz do passado. Não há futuro.

Os fundamentos no século XX

Por haver deixado muitas lacunas, o esboço histórico apresentado demonstra que todo movimento complexo, como foi o fundamentalismo em seus primeiros passos, escapa de qualquer tentativa de apreensão total. Como se torna impossível tratar de tudo, a leitura e interpretação críticas do período de fundação do fundamentalismo dirigem-se, segundo o escopo deste artigo, para a coletânea *The Fundamentals* e alguns de seus principais desdobramentos históricos e bibliográficos.

No princípio, a obra foi posta em movimento pela concepção e financiamento de um magnata do petróleo Lyman Stewart da Califórnia do Sul e seu irmão e sócio Milton Stewart, movidos pelo pressuposto de que a verdade não podia definir por estar indisponível.

Publicados em 12 volumes (brochuras), de 1910 a 1915, [*The Fundamentals*] pretenderam ser um grande “testemunho da verdade” e algo como um *tour de force* acadêmico. Lyman Stewart, o promotor-chefe e financiador, descreveu os autores potenciais como “os melhores e mais leais professores de Bíblia no mundo”.²⁰

¹⁸ MACHEN, 2012, p. 15.

¹⁹ MACHEN, 2012, p. 20.

²⁰ MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture: the Shaping of Twentieth-Century Evangelicalism: 1870-1925*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1982. p. 118.

O evangelista e escritor cristão Amzi Clarence Dixon, então pastor da Moody Church em Chicago, foi contratado como editor do projeto. “Dixon e dois sucessores, Louis Meyer (um evangelista judeu-cristão) e Reuben Torrey, reuniram um conjunto formidável de estudiosos conservadores americanos e ingleses, bem como um número de escritores populares”.²¹ A coletânea foi distribuída em grande número – cerca de três milhões de exemplares – aos mais variados setores e sujeitos dentro do universo cristão protestante de fala inglesa.

O trecho a seguir é do “Prefácio” do primeiro volume da coletânea original:

Este livro é o primeiro de uma série que será publicada e distribuída a todo pastor, evangelista, missionário, professor de teologia, estudante de teologia, superintendente de Escola Dominical, secretarias da Associação Cristã de Moços e Associação Cristã de Moças no mundo de fala inglesa, na medida em que os endereços de todos eles possam ser obtidos. Dois inteligentes e consagrados leigos cristãos arcaram com as despesas porque acreditam que chegou um tempo em que uma nova afirmação dos fundamentos do cristianismo deve ser feita. O desejo mais sincero deles é que você o lerá cuidadosamente e transmitirá sua verdade a outros.²²

No encerramento do mesmo primeiro volume, a “Nota do editor” confirmava as palavras do “Prefácio” e solicitava de todos os interessados, não contemplados na distribuição do exemplar inaugural da coletânea e com tempo total ou parcial dedicado à obra cristã, um contato com a Testimony Publishing Company para fornecer ou confirmar endereço de entrega. Era evidente o sentido de urgência em toda a ação: a chegada de novos tempos sociais exigia uma resposta rápida e enérgica dos cristãos.

Uma pergunta: o que justificava o investimento, não somente financeiro, dos irmãos Stewart e de tantos outros cristãos envolvidos naquele projeto de escrever, publicar e distribuir os *fundamentos da verdade cristã*, se possível, a todos os líderes cristãos falantes da língua inglesa no início do século XX? A resposta: dentro do universo conservador protestante no mundo de fala inglesa, havia um esforço antimodernista (sem negar que fosse ao mesmo tempo moderno), posto em ação por meio de um movimento que pode ser tomado como microecumênico, por compartilhar algumas doutrinas e práticas diferentes, mas toleráveis, entre as denominações dele participantes. Diante de um inimigo maior e comum, as diferenças podiam ser superadas – ou, no mínimo, colocadas em suspensão – até a guerra ser vencida.

Os 90 capítulos da coletânea *The Fundamentals* foram publicados por autores protestantes conservadores militantes que “[...] defendiam a fé protestante tradicional

²¹ MARSDEN, 1982, p. 118-119.

²² THE FUNDAMENTALS: a Testimony to the Truth, v. I. Chicago: Testimony Publishing Company, [1910-1915]. p. 4.

contra o liberalismo teológico e a alta crítica da Bíblia”.²³ Fora do campo teológico protestante conservador, o maior adversário da coalizão fundamentalista era a ciência moderna, naquilo que oferecia de desafio à interpretação literalista da Bíblia, notadamente representada pelo darwinismo. “Embora num primeiro momento o impacto desse material tivesse sido de pouca monta, também pelo fato de que a linguagem usada era pouco radical e não traduzisse uma disposição de militância em favor das causas ali expostas, a médio prazo o efeito foi destacado”.²⁴

O segundo movimento (ou capítulo da história) da obra *The Fundamentals* exige um pequeno salto ainda na segunda década do século XX. Para o entendimento do caso, justifica-se a seguinte transcrição do “Prefácio” de R. A. Torrey à edição de 1917:

Em 1909 Deus moveu dois cristãos leigos a abrir mão de uma grande quantia de dinheiro para publicar 12 volumes que estabelecessem os fundamentos da fé cristã, e que fossem enviados gratuitamente a ministros do evangelho, missionários, superintendentes de Escola Dominical e outros envolvidos ativamente na obra cristã no mundo de fala inglesa. Um comitê de homens conhecidos por ser sadios na fé foi escolhido para fazer a supervisão destes volumes. O Rev. Dr. A. C. Dixon foi o primeiro secretário-executivo do Comitê e depois de sua partida para a Inglaterra o Rev. Dr. Louis Meyer foi nomeado para seu lugar. Depois da morte do Dr. Meyer o trabalho da secretaria-executiva recaiu sobre mim. Fomos capazes de trazer à luz estes 12 volumes de acordo com o plano original. Alguns dos volumes foram enviados a 300.000 ministros, missionários e outros obreiros em diferentes partes do mundo. Depois da conclusão dos 12 volumes como planejados originalmente, a obra foi continuada por The King’s Business [...]. Embora tenha sido publicado um número maior de volumes do que o de nomes de nossa lista de endereços, por fim, o estoque se esgotou, mas os pedidos continuaram a vir de todas as partes do mundo. Como não havia mais fundo para esta finalidade, o Instituto Bíblico de Los Angeles, ao qual as placas [de impressão] foram entregues quando o Comitê encerrou seus trabalhos, decidiu trazer à luz vários artigos que apareceram em *The Fundamentals* em quatro volumes com o preço mais barato possível. Todos os artigos que apareceram em *The Fundamentals*, com exceção de muito poucos que não pareceram estar de acordo com o exato propósito original, foram publicados nesta série.²⁵

²³ MARSDEN, 1990, p. 179.

²⁴ VASCONCELLOS, 2008, p. 30.

²⁵ TORREY, Reuben A.; DIXON, Amzi C. et al. *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. I-IV. Grand Rapids: Baker Book House Company, 1993[1917]. p. 5). “O Instituto Bíblico de Los Angeles publicou a edição de *The Fundamentals* em 1917, em quatro volumes, nos quais se baseia a maioria das atuais reimpressões”. HINDSON, Edward E. Introdução: o significado histórico de *Os fundamentos*. In: COUCH, Mal (Ed.). *Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 16. A edição utilizada como referência neste artigo é de 1993 e em seus quatro volumes vem registrada a seguinte informação: “Reimpresso [pela Editora Baker Books] sem alteração ou diminuição da edição original, em quatro volumes, publicada pelo Instituto Bíblico de Los Angeles em 1917”. TORREY; DIXON, 1993[1917], p. 2.

A novidade da edição de 1917 é que os artigos estão organizados em cinco seções temáticas, ou seja, ela apresenta uma distribuição do material diferente se comparada à da coletânea original em 12 volumes. A primeira é a única seção sem título, mas a natureza de seus 26 artigos permite uma classificação: *Bíblia*, com destaque para a rejeição da alta crítica e suas ferramentas para o estudo do texto canônico; a segunda está dedicada à “Teologia” (37 capítulos), com a defesa das doutrinas fundamentais do cristianismo protestante, segundo o ponto de vista da editoria; a terceira, ao “Pensamento Moderno” (oito capítulos), com a crítica direcionada especialmente ao darwinismo; a quarta, a vários “Ismos” (cinco capítulos), com a crítica aos novos movimentos religiosos (do início do século XX); a quinta e última, a “Mais testemunhos da verdade” (14 capítulos), com discussões doutrinárias, éticas, práticas, pessoais – a respeito de assuntos variados.

“Posteriormente a esta edição, surgiu uma outra, em 1958, produzida por Charles L. Feinberg e pela Biola University [antigo Instituto Bíblico de Los Angeles], que atualmente tem sido impressa pela editora Kregel Publications”.²⁶ Trata-se do terceiro movimento (ou capítulo da história) referente à obra *The Fundamentals*, cujo título foi fixado pela reedição de 1990 como *The Fundamentals: the Famous Sourcebook of Foundational Biblical Truths*. Salvo engano, as edições da coletânea *The Fundamentals* de 1910-1915 e 1917 não tiveram tradução para o português em edição brasileira. A de 1958, por sua vez, foi publicada no Brasil, na íntegra, em 2005 (com base na reedição de 1990), pela Editora Hagnos: *Os fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. Trata-se de 66 artigos (em 64 capítulos) dentre os 90 da coletânea original do início do século XX.

Para celebrar o Ano do Jubileu, em 1958, o Bible Institute, em cooperação com a Kregel Publications, patrocinou a emissão de uma nova edição de *Os Fundamentos*. Sob a supervisão geral do Dr. Charles Feinberg, um comitê de professores do Talbot Theological Seminary selecionou os artigos mais relevantes teológica e culturalmente do original de *Os Fundamentos* e os atualizou cuidadosamente para o leitor contemporâneo. Essa coleção foi publicada como *Os Fundamentos para Hoje* [como já foi explicado, o título utilizado acima é o da reedição de 1990] e foram feitas diversas tiragens. A Kregel Publications, reconhecendo a enorme importância que esta coleção clássica das verdades bíblicas fundamentais tem hoje, tanto quanto quando foi publicada pela primeira vez, põe agora [em 1990] à disposição esta nova edição em um único volume, como a de 1958, para a qual o Dr. Warren W. Wiersbe graciosamente providenciou Introduções Biográficas e um proveitoso Prefácio.²⁷

No referido “proveitoso Prefácio”, Wiersbe afirma: “Nestes dias de comunhões fragmentadas e doutrinas diluídas, a igreja deve descobrir novamente a ampla base que os

²⁶ HINDSON, 2009, p. 16.

²⁷ OS FUNDAMENTOS: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 11-12.

'Pais Fundamentalistas' construíram e da qual eles ministraram".²⁸ Interessante notar que, em linguagem religiosa, Wiersbe consegue prenunciar uma grande discussão teórica, que tomou lugar no interior das ciências humanas no final do século XX e que perdura até hoje, acerca de um período histórico caracterizado por fragmentação dos laços e diluição (liquefação) das verdades. A solução (fundamentalista) não poderia ser outra: o retorno à solidez segura dos fundamentos do passado.

Os fundamentos para o século XXI

No ano 2000, foi publicado o livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century: Examining the Crucial Issues of the Christian Faith* (edição geral de Mal Couch).²⁹ A tradução brasileira (*Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*), utilizada como referência para as citações neste trabalho, é de 2009. Digno de nota é o fato de os textos fundamentalistas originais continuarem sem tradução integral para o português em edição brasileira – com exceção feita à tradução de 2005 da compilação de 1958[1990] –, ao passo que este último não teve de esperar nem 10 anos para ter a sua. Foi uma publicação para fechar o século XX, cronológica e simbolicamente.

Como explicar mais este movimento em paralelo com a obra *The Fundamentals*, se o sentido do termo *fundamentalismo*, que foi positivo um dia pelo menos intramuros, é hoje pejorativo na esmagadora maioria das vezes em que é utilizado? O caráter negativo do termo é forte a ponto de os próprios herdeiros hodiernos do movimento fundamentalista original haverem abandonado sua utilização, preferindo associar-se a outras expressões ou rótulos classificadores. Autor da introdução do livro *Os fundamentos para o século XXI*, Edward E. Hindson afirma: "Eles [os fundamentalistas] adotam uma grande variedade de outros rótulos e identificações, tais como: 'evangelicais', 'crentes bíblicos', 'teólogos conservadores', 'nascidos de novo' ou simplesmente 'cristãos'".³⁰

Por um lado, é de causar surpresa o retorno consciente a um termo, cujo significado retira a credibilidade social de quem o utiliza. Por outro, por mimetismo e não somente quanto ao formato (uma coletânea de artigos), a obra resgata o conceito *fundamentos* da publicação original – e deliberadamente deixa-se associar ao fundamentalismo, com o mesmo orgulho demonstrado pelos pais fundamentalistas do início do século XX. Diga-se de passagem, o contexto espiritual (relativo às mentalidades) desta última publicação é herdeiro do das outras, ou seja, o protestantismo conservador

²⁸ OS FUNDAMENTOS, 2005, p. 14.

²⁹ Cf. COUCH, Mal (Ed.). *The Fundamentals for the Twenty-First Century: Examining the Crucial Issues of the Christian Faith*. Grand Rapids: Kregel, 2000.

³⁰ HINDSON, 2009, p. 15.

norte-americano, ainda que os adversários tenham mudado seu discurso depois da passagem de cerca de um século.

No texto do prefácio, o editor geral da obra, Mal Couch, apresenta a discussão de uma maneira introdutória e exemplar:

Entre os anos 1910 e 1915, uma série de 12 livros com exaustivos ensaios, sob o título *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* [Os fundamentos: um testemunho da verdade], foi enviada a pastores, missionários e obreiros cristãos nos Estados Unidos e até no mundo inteiro. De forma bem efetiva e popular, era lançada uma defesa das doutrinas capitais do cristianismo, servindo durante toda essa década de plataforma, bandeira, e identificando uma grande maioria de cristãos conservadores da América do Norte com o nome de “fundamentalistas”. Quando a onda de apostasia pôs em risco a firmeza doutrinária das igrejas do Ocidente, nos embates eclesiásticos das décadas de 1930 e 1940, esses livros foram de grande ajuda, fornecendo princípios doutrinários ao segundo movimento mundial no cristianismo: “o evangelicalismo”.³¹

Aqueles primeiros artigos para testemunho da verdade (*The Fundamentals*) foram escritos por vários acadêmicos com senso de urgência, no calor da hora: “[...] para que cada um visse como abrir mão das doutrinas básicas do cristianismo constituía uma grande ameaça para a igreja”.³² Quanto às ideias no campo religioso, como se sabe, seus adversários eram o liberalismo protestante clássico e as heresias espiritualistas; no campo secular, a ciência contrária à revelação (notadamente o darwinismo).

Eles não tinham condições de prever a chegada da neo-ortodoxia, do existencialismo, do modernismo, do niilismo, dos movimentos de libertação, do feminismo, das novas questões da ética, e da Nova Era; todas essas questões teológicas castigariam a igreja do século XX.³³

De modo semelhante, prossegue Couch em seu argumento, os autores de *Os fundamentos para o século XXI*, por conhecer todas as heresias que desafiaram em temas centrais os fundamentos do cristianismo durante o século XX, possuíam também o seu próprio senso de urgência – e reconheceram a necessidade de deixar um legado para a futura geração de pastores e professores das igrejas acerca daqueles valores de que não se pode abrir mão, daquilo que é inegociável para o cristão. Preservados os paralelismos, os ensaios do final do século XX diferem assumidamente daqueles do início do mesmo século em dois aspectos:

Em primeiro lugar, porque a enorme confusão cultural que irrompeu nos últimos cinquenta anos exige um esforço enérgico em direção à aplicação

³¹ COUCH, Mal (Ed.). *Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 11.

³² COUCH, 2009, p. 11.

³³ COUCH, 2009, p. 11-12.

dos princípios bíblicos fundamentais nos assuntos sociais e culturais hodiernos. Segundo, este volume assume deliberadamente uma posição teológica pré-milenarista e pré-tribulacionista quanto ao arrebatamento.³⁴

Quanto à primeira diferença, mais geral, os títulos e o teor dos artigos apontam indícios de quais foram os desafios ao etos fundamentalista na segunda metade do século XX. Quanto à segunda, especificamente escatológica, a teologia fundamentalista pré-milenarista interpreta literalmente o texto bíblico e cria uma história ainda por vir que corresponda à doutrina.

Como ocorre quanto aos começos da história, assim também quanto aos fins: a maioria dos fundamentalismos propõe visões bem precisas do final e juízos bem precisos sobre ele. A filosofia substantiva da história [...] trata do futuro como se já tivesse acontecido, pelo menos o suficiente para dar colorido à interpretação do tempo intermediário.³⁵

Mais forte dos que as duas diferenças reconhecidas é o substrato mental (ou imaginário) que fez surgir os *fundamentos* para o século XX e para o século XXI: a cosmovisão dualista (maniqueísta) do mundo.

Essencialmente, duas religiões surgiram no meio do protestantismo norte-americano quando *The Fundamentals* foi publicado. Por um lado, surgiu o liberalismo, uma tentativa de apresentar a religião do ponto de vista das dimensões naturais, racionais e sociais da vida. Opondo-se a essa concepção da religião, surgiu o cristianismo histórico, centrado na fé em Deus como revelado na espiritual, sobrenatural e infalível Palavra de Deus.³⁶

Tão forte quanto este substrato é a ação consequente: o retorno ao passado. É até inusitado: quanto à escatologia, o futuro (na Terra como céu) tem existência concreta para o fundamentalista; quanto à história, o passado, aquilo que concretamente ocorreu, é idealizado como se tivesse acontecido da maneira como o fundamentalista anuncia. Na verdade, o retorno ao passado é um retorno doutrinariamente idealizado.

³⁴ COUCH, 2009, p. 12.

³⁵ MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo? Perspectivas teológicas. *Concilium: Fundamentalismo: um desafio ecumênico*, n. 241, p. 22, 1992-1993. Na mesma questão em que Couch enxerga especificamente uma diferença entre os fundamentalistas do final do século XX e aqueles originais do início do mesmo século, pois nem todos os primeiros fundamentalistas eram de fato quiliastas, Ammerman (1994, p. 6) vê, de maneira geral, mais um ponto de contato entre eles: "Fundamentalistas não leem simplesmente a Bíblia para aprender história ou princípios morais. Eles também esperam encontrar nas Escrituras indícios para o destino futuro do mundo, o que acontecerá no Final dos Tempos. No início do movimento fundamentalista, tradicionalistas que estavam preocupados com as Escrituras e doutrina estavam estritamente ligados a pessoas que estavam preocupadas com a interpretação das profecias da Bíblia. O legado dessa conexão é que hoje muitos fundamentalistas são 'pré-milenaristas dispensacionalistas pré-tribulacionistas'".

³⁶ HINDSON, 2009, p. 32.

A questão sempre foi estar ou não estar com a Palavra de Deus, ou seja, do lado certo – *como se fosse possível verdade sem hermenêutica*. A pergunta do fundamentalista é a seguinte: “[...] como *você* pode ler o texto que *eu* leio e não chegar à mesma compreensão que eu?”.³⁷ O fundamentalismo não pode aceitar visões de mundo que sejam diferentes da sua nem conviver com elas, pois seu espírito militante é de conquista. “Com a chegada do século XXI, percebemos que estamos mais uma vez em um divisor de águas teológico”.³⁸ O grande desafio imposto pelo *outro* cristianismo aos verdadeiros cristãos refere-se a uma religião do tipo *faça você mesmo*: “Tal religião recusa enfrentar as consequências lógicas de um mundo secular que tem virado as costas para Deus”.³⁹ A imagem de novo é a de uma guerra (como em 1958 ou na segunda década do século XX): ou retorno aos fundamentos ou queda na apostasia.

Considerações finais

A respeito da confusão de sentido quanto ao vocábulo fundamentalismo, mencionada na seção de abertura deste artigo, Schweitzer apresenta uma constatação interessante: “A palavra fundamentalismo teve um imenso e trágico sucesso e, na França pelo menos, poucas pessoas sabem que ela surgiu no universo protestante”.⁴⁰ A restrição que ele acrescenta ao argumento – *na França pelo menos* – pode ser tomada como um zelo excessivo do pesquisador, em contexto francês, que não quer afirmar nada sem dados concretos nem experiência vivida (ou uma jogada retórica para, do exemplo particular, permitir ao leitor a ampliação da abrangência). Para ele, “essa palavra [fundamentalismo] está ligada a circunstâncias precisas, fora das quais dificilmente poderíamos compreendê-la”.⁴¹

Para evitar a confusão quanto à extensão indevida do termo – resultado do *sucesso* de sua utilização –, e para retornar às circunstâncias precisas do advento do movimento, será sempre necessário registrar que, no encontro das ideias com as condições materiais em contexto norte-americano de fim de século (XIX), o fundamentalismo foi uma *reação* ruidosa e beligerante contra inimigos do protestantismo conservador: internamente, o liberalismo teológico (especialmente a crítica bíblica); externamente, o humanismo secular (a ciência que desacredita a Bíblia, notadamente o darwinismo) e os novos movimentos religiosos.

³⁷ MARTY, p. 18, 1992-1993.

³⁸ HINDSON, 2009, p. 32.

³⁹ HINDSON, 2009, p. 32.

⁴⁰ SCHWEITZER, 2001, p. 31.

⁴¹ SCHWEITZER, 2001, p. 31.

Se o liberalismo foi, por afirmação, uma reação religiosa moderna aos desafios da modernidade, para que o cristianismo continuasse a fazer algum sentido às pessoas no mundo desencantado e na sociedade secularizada, o fundamentalismo, por negação, também pode ser considerado uma reação moderna à modernidade (e ao liberalismo). *Reação moderna à modernidade*, entretanto, no sentido definido por Jürgen Moltmann:

O fundamentalismo original não se defrontou diretamente com os princípios do mundo moderno, mas apenas com as influências que este exercia sobre sua comunidade de fiéis. Por isso a imagem que os fundamentalistas têm do “mundo moderno” deve ser deduzida indiretamente de sua polêmica contra o liberalismo, a secularização e o modernismo em suas próprias fileiras. Os fundamentalistas não reagem às crises do mundo moderno, mas às crises que o mundo moderno provoca em sua comunidade de fé e em suas convicções básicas.⁴²

Como movimento dogmático desde seus primórdios e ainda hoje, pois é assim que opera, o fundamentalismo estabelece referências (certezas absolutas) e divide o mundo entre convertidos e não convertidos. Para ganhar o mundo, vale *qualquer atitude*, pois o que está em jogo é a salvação ou a perdição eterna das almas. Em diálogo com Geffré, embora sem tratar propriamente do fundamentalismo no texto em questão, Walter Ferreira Salles explicita a diferença entre uma teologia sem hermenêutica (típica do empreendimento fundamentalista) e aquela outra, crítica, que não abre mão da interpretação:

[...] uma atitude dogmática busca nas Escrituras e na tradição a legitimação de uma decisão já tomada. Contrariamente a esta postura, a hermenêutica teológica no estudo da religião leva a sério a historicidade da verdade e a historicidade do intérprete da mensagem cristã que busca atualizá-la para a sua realidade, o que faz da teologia um fenômeno de reescritura com base em escrituras anteriores. Neste processo, temos a compreensão do passado e a atualização criativa direcionada para o futuro, perpassando a compreensão de si no presente. Por isso, é igualmente tarefa da hermenêutica discernir a experiência histórica que fundamenta as formulações teológicas que se transformam em definições dogmáticas.⁴³

Decisão já tomada – no caso fundamentalista protestante, ela vem do passado (ou melhor, da idealização do passado) –, quer dizer, não importa se no final do século XIX, início ou meados do XX, ano 2000 ou hoje, os fundamentos são os mesmos, basta republicá-los. Os tempos mudam, as perguntas ou demandas das sociedades também mudam, mas as respostas já estão dadas; a linguagem das respostas pode até mudar, mas seu conteúdo é intocável.

⁴² MOLTSMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium: Fundamentalismo: um desafio ecumênico*, n. 241, p. 142, 1992-1993.

⁴³ SALLES, Walter Ferreira. O estudo teológico da religião: uma aproximação hermenêutica. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, ano III, n. 24, 2006. p. 31-32.

No prefácio do livro *Os fundamentos para o século XXI*, Couch afirma que os autores de *The Fundamentals*, a despeito de aceitações diferenciadas que a coletânea obteve na comunidade de fiéis, estavam cheios da esperança de que ela fosse qual “[...] farol para a caminhada das novas gerações”.⁴⁴ Segundo a perspectiva fundamentalista, a luz que ilumina o tempo presente, qualquer que seja o período, vem do passado. No *tempo intermediário* – aquele vivido entre o passado mais longínquo (desde a criação), que foi como a interpretação literalista da Bíblia afirma, e o futuro, que será como a escatologia bíblica literalista afirma –, os protestantes (caso sejam de fato convertidos) e, quiçá, a própria humanidade devem viver conforme *os fundamentos* – ontem, hoje e sempre.

[Recebido em: abril de 2013

Aceito em: junho de 2013]

⁴⁴ COUCH, 2009, p. 11.